

# JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

## ROMANCE.

### A DAMA DAS CAMELIAS.

(Continuado do n. 50.)



#### IX.

— Adeus, Eugenio, disse Margarida ao meu amigo: folgo muito de ver-vos. Porque não fostes ver-me no theatro?

— Porque não quiz ser indiscreto.

— Aquelles que nos merecem amizade nunca nos incommodão, disse Margarida.

— Permitti que vos apresente o meu amigo o Sr. Armando Duval, disse Eugenio.

— Eu já tinha autorisado Prudencia a fazel-o.

— Já tive a honra de ver-vos, minha senhora. Margarida calou-se, e deu a entender que não se lembrava de ter-me visto ontr'ora.

— Dou graças a Deus, minha senhora, disse eu, por vos ter feito esquecer disso, porque na verdade fui então muito mal recebido por vós, ha cerca de dous annos, na *opera comica*....

— Ah! sim, lembro-me agora; mas quem teve culpa fui eu. E já vos esquecestes desse *aggravô*?

— Estendeu-me a mão, que beijei.

— Costumo vexar sempre á aquelles que me apparecem pela primeira vez.... e muitas vezes tenho pago caro esse máo costume... O meu medico diz que este defeito nasce do meu *systema nervoso*.

— Mas creio que hoje estais perfeitamente boa, disse eu.

— E verdade; mas estive muito mal.

— Soube-o,

— Como o soubestes?

— Porque vim muitas vezes informar-me da vossa saude, respondi.

— Deixastes-me bilhete?

— Não, minha senhora.

— Ah! ereis vós o mancebo que yinha todos os dias aqui, mas que nunca disse como se chamava....

— Fui eu mesmo, sim.....

— Além de indulgente, sois generoso! Vós, Sr. conde, accrescentou, voltando-se para o tal mancebo, que mudo presenciava o nosso dialogo, não ereis capaz de fazer outro tanto.

— Ha apenas dous mezes que vos conheço, disse o conde.

— E ha quanto tempo me conhece este senhor? Cruco que ha cinco minutos. Sempre que abris a boca dizeis asneiras.

« As mulheres, meu amigo, são demasiadamente severas e rispidas para com aquelles que as desgostão.

« O conde corou e mordeu os labios.

« Compadecei-me delle, porque a amava tanto como eu.

— Estaveis tocando quando entrámos, disse eu a Margarida, para desviar a conversação do ponto em que estava; porque não continuais a fazel-o?

— Oh! disse Margarida sentando-se no sofá. Eugenio sabe muito bem que eu toco pessimamente.

— E que sómente reservais para mim o prazer de ouvir-vos; disse o conde com ironia.

— O que não é pouco, replicou Margarida.

« Estava visto que Margarida não podia atuar o conde.

— Então, Prudencia, disse Margarida, fizestes o que vos pedi?

— Sim.

— Está bom... logo me direis o mais.

— Desculpai, minha senhora, se vos incomodamos, e permiti que nos retiremos, disse eu.

— Não: eu não quero que nenhum dos tres se retire, disse Margarida, olhando para o conde.

« O conde que entendeu o remoque puxou pelo relógio, e chegando-se á Margarida, disse-lhe:

— Adeus, minha senhora.

« Margarida levantou-se, e disse:

— Então já, meu conde?

— Sim... basta de importunar-vos.

— Até quando?

— Até.....

— Adeus, atalhou Margarida.

« O conde beijou-lhe a mão, e sahio, depois de se despedir de nós.

« Prudencia olhou para elle, como se lhe quizesse dizer — Não é possível fazel-a chegar ao rego.

— Annica! gritou Margarida, vem allumiar o Sr. conde.

« Ouvi abrir-se e depois fechar-se a porta.

— Graças a Deus que se foi, disse então Margarida... Ninguém ajuiza o mal que me faz esse homem!

— Sois muito má para elle, disse Prudencia... e entretanto não se farta de presentear-vos... ainda hontem deu-vos aquelle relógio, que lhe custou, quando menos, mil escudos.

« E Prudencia, chegando-se ao fogão, pegou no relógio: com effeito era de muito valor.

— Minha amiga, disse Margarida, se pretendo tornar-me ás boas com elle, mudo logo de tenção quando me diz alguma fineza, porque é um *palerna* na extensão da palavra.

— Mas confessai que ama-vos estremecidamente, disse Prudencia.

— Se eu fosse a dar ouvidos aos que me amão, não tinha tempo nem para comer, disse Margarida. Não quereis comer alguma cousa, meus cavalheiros?

— Eu por mim, quero, sim, disse Prudencia.

— Vá feito, disse tambem Eugenio.

— E havemos de ceiar aqui mesmo, disse Margarida, tocando ao mesmo tempo a campainha.

« Apareceu então Annica.

— Traze-nos alguma cousa para comermos.

— Que bella ceia ha de ser a nossa! Se o conde estivesse aqui, ficaria sem sal a patuscada.

« As palavras dessa mulher me enecantavão; e mal posso exprimir o que sentia.

« Indulgente por ella eu admirava a sua belleza, e a prova de desinteresse que dava repellindo o conde, mancebo cabelto e rico, desculpava no meu entender todos os seus crimes.

« Essa mulher estava na virgindade do vicio, e o seu andar firme, seu corpo gentil, e seus bellos olhos denotavão uma dessas *naturezas* ardentes que derramão em redor de si mil perfumes voluptuosos, á guisa desses frascos do oriente que, ainda que lacrados, exhalão as mais suaves *emanacões*.

« Finalmente, no olhar dessa mulher se descortinavão *desejos*, cuja expansão seria uma revelação do Céu para o homem que a amasse devéras.

« Eu estava quedo e mudo.

— Então, disse-me ella, fostes vós com effeito que viestes saber de mim enquanto estive de cama?

— Sim, respondi.

— Oh! que bonita acção.... E como poderei agradecer-vol-a?

— Consentindo que venha ver-vos uma vez por outra.

— Quando quizerdes — mas das cinco ás seis horas da tarde — e das onze á meia noite.... Eugenio, porque não ides tocar aquella celebre valsa — continuou.

— Para que?

— Para me fazerdes a vontade, e depois para que eu vendo-vos tocál-a consiga fazel-o.

— Então, ainda não conseguistes tocál-a toda?

— Não.

« Eugenio sentou-se ao piano, e tocou a celebre valsa intitulada — *Ultimos momentos de Weber*.

« Margarida, em pé ao seu lado, olhava, ora para a musica, ora para os dedos de Eugenio. E logo que este chegou a certo compasso, pôz-se a repetir as notas.

— Do, ré, mi, re, do, fá, mi, ré, e disse: não posso, por mais que estude, tocar esta *passagem*. Ora, vejamos se o consigo agora.

« Sentou-se ao piano, e tocou a valsa até o dito lugar sem errar. Mas depois parou, porque não pôde acertar, e disse:

— Não sei que maldição é esta.... quando chego aqui páro, porque não posso continuar. E entretanto o pateta do conde toca toda a valsa admiravelmente....

« Começou a valsa de novo, mas sem poder concluir-a: e então levantando-se jogou a musica fóra, dizendo:

— Os diabos carreguem Weber, e quantos pianos ha. E eruzou os braços. — D'ahi á pouco começou a tossir.

— Ora, ahí está a maldita tosse, disse Pru-

dencia que se mirava n'um espelho.... Se estivessemos comendo, não aconteceria assim.

« Margarida chamou Annica, e, enfezada, mandou que trouxesse a ceia.

— Já vistes o quarto de Margarida? disse Prudência a Eugenio.

— Já, respondeu-lhe este.

— Então vinde vós vê-lo, me disse ella.

« Sabeis perfeitamente que ha certa gente que sabe viver á custa dos outros, e que, aproveitando os cahidos dos que se tratão com luxo, gostão de fazer alarde do que seus protectores ou protectoras possuem, e a tal Sra. Prudência era uma das ditas.

« Margarida veio connosco até á porta do quarto, mas seguiu depois com Eugenio para á sala de jantar, afim de apressar a ceia.

— Olá! disse Prudência, vendo uma nova tetca..., que linda cousa!...

« E quando se encontrou com Margarida gabou tanto a tal *figurazinha*, que ella lh'a deu.

« Prudência levou-me depois a outra saleta, e mostrando-me dous quadros, disse:

— Este sугeito é o barão G..., primeiro protector e amigo de Margarida. Conhecestes esse ricaço?

— Não....

— E est'outro, o Duque de L..., que deu ás gambias por causa de Margarida, que o pôz de pernas para o ar, comendo-lhe quanto tinha, e....

«... E continuaria, se Annica não nos viesse chamar para ceiar.

« Quando entramos na sala de jantar achámos Margarida encostada a uma parede, e Eugenio ao pé della.

« Não sei o que este lhe disse, mas o facto é que ouvi estas palavras de Margarida: « Para o que lhe daria hoje, senhor engraçado. Não sabe que as mulheres da minha laia ou entregão-se logo, ou então não dão a menor confiança aos que as requestão? »

— A! mesa! gritou ella. E sentando-se, deu a direita a Eugenio, e a esquerda a mim, dizendo depois á Annica:

— Não se abre a porta a quem quer que bata.

« E entretanto era uma hora da manhã!!

« Fallámos, comemos e bebemos á barrete fóra, e d'ahi a poucos instantes reinava a maior desordem na sala, e ouvião-se *palavradas* de fazer arripiar as carnes! Notei todavia que Margarida fazia tudo aquillo arrastada mais por força maior do que por motu proprio.

« No fim da ceia Margarida foi acommettida de uma fosse violenta, que a obrigou a levantar-se, e a recolher-se ao seu quarto de vestir.

— Que tem ella? perguntou Eugenio.

— Foi escarrar sangue, disse Prudência. Não nos incomodemos, porque a *crise* ha de passar.

« Eu logo que ouvi estas palavras, levantei-me e fui ter com ella.

### X.

« Uma unica luz allumiava o quarto, onde achei Margarida atirada sobre um *sofá*, com o vestido desatado, apertando o peito com ambas as mãos. Em cima de uma mesa vi uma pequena

taça de prata com agua, e esta com alguns raios de sangue. Com a *physionomia* deprimida, e com a boca meio-aberta, arquejava.

« Cheguei-me á ella, sentei-me no seu lado, e peguei-lhe no pulso. E, levantando então a cabeça, olhou para mim, e perguntou-me:

— Ah! sois vós?

« E não sei o que achou em mim, que me perguntou para logo:

— Estais tambem incomodado?

— Não, respondi; e vós como vos sentis?

— Melhor... respondeu enxugando os olhos; já estou acostumada á taes padecimentos.

— Quereis apressar o termo de vossos dias, Margarida? tornei. Ah! quem me dera ser vosso parente ou amigo para me oppór á isso.

— E que vos importa que eu soffra? disse Margarida. Vistes se alguém se interessou por mim? O meu mal é sem remedio, e por isso tanto me faz morrer hoje como amanhã.

« E dizendo isto levantou-se, pegou na véla, e viu-se ao espelho.

— Estou com effeito muito abatida, disse, abotoando o vestido e alisando os cabellos. Mas, como ainda escapei desta, vamos para a sala de jantar.

« Com os olhos em Margarida, eu não me pude levantar, pelo que, chegando-se á mim, disse:

— Então, não vindes?

« Apertei-lhe a mão, e levei-a aos labios, Duas lagrimas me cahiram dos olhos!

— Estais chorando? perguntou. Que tendes?

— Tenho.... sim.... estou com muita pena de vós, Margarida, lhe disse consternado.

— Sois realmente muito bom... mas peço-vos que não vos incomodeis por minha causa.... Não podendo dormir, para disfarçar as minhas *insomnias* entrego-me ás orgias.... As mulheres da minha laia não fazem falta a ninguém. Dizem os medicos que o sangue que deito é dos bronchios, mas quer me parecer que não.

— Ouvi-me, Margarida, disse com expansão; eu não sei que influencia podereis exercer de futuro sobre mim; mas o que posso dizer-vos agora é que o estado de vossa saude me *condoe*; e que por meu gosto não continuareis na vida desregrada que passais; e que é absolutamente necessario que cuideis de vós.

— Se cabisse em tal, morria logo. Este modo de viver é que me convém.... e demais só quem tem quem lhe doa é que pôde tratar-se. Coitada de mim, se cabisse em semelhante corriola.... Quando uma mulher como eu fica *inutilisada*, todos a abandonão... e quereis que vos dê um exemplo?... Quando estive, ha pouco tempo, de cama, apenas um ou outro, dos muitos que vêem aqui, me procurava.

— Eu, Margarida, não sou nem vosso parente nem adherente, mas offereço-me desde já para vosso enfermeiro, e peço-vos que não regeiteis o meu sincero offerecimento. Se melhorardes, podeis continuar na mesma vida, conquanto me pareça que preferirieis então viver na obscuridade.

— Não terieis paciência para aturar-me, não.... e, se me dizeis cousas tão lisongeiras, é porque estais um pouco *tolgado*, disse Margarida.

— Enganais-vos completamente, respondi. Se antes de conhecer-vos não deixei um só dia de vir sabed de vossa saúde, o que não faria agora por vós?... retorqui-lhe.

— Por que razão, atalhou, não me apparecestes então?

— Por vexame, respondi.

— Pois aiuha ha quem se acanhe de apparecer ou fallar com gente da minha qualidade? perguntou-me.

— Ainda, sim, Margarida. Por mais desembaraçado que seja um homem, vexa-se quando falla com qualquer mulher pela primeira vez, tornei.

— Então, devéras, quereis ser meu enfermeiro?

— Olá se quero, Margarida!

— E levareis ao cabo o sacrificio?

— Sim, Margarida.

— Então, pelo que vejo, *dei-vos no gôto*, heim?

— Sim.

— Ou, para ser mais explicita.... bebcis os ares por mim, não?

— Quem sabe...., disse.

— Sim.... é melhor nunca dizel-o.

— Porque? perguntei-lhe

— Por dous motivos, respondeu.

— Quaes são?

— Porque, se eu correspondesse ao vosso amor, terieis de aturar a mulher extremamente nervosa, de má indole, perdularia, e que de mais a mais deita sangue pela boca; e se, pelo contrario, eu vos repellisse, ficariéis mal commigo.... Deixai-me ir vivendo com o duque, que, sendo velho, gosta de aturar as minhas rabugices.... Os taes Srs. rapazes têm-me posto sal na moleira....

« Calei-me. A franqueza com que essa mulher fallára, as expressões dolorosas com que se exprimiu, emmudecerão-me.

— E já basta de séca, disse ella. Vamos para a sala de jantar, e esqueçamos mutuamente o que disseimos.

— Ide só, Margarida, lhe disse; eu não posso arredar-me d'aqui.

— Porque? perguntou.

— Porque tanta alegria me mata.

— Quereis que eu fique triste?

— Não.... mas ouvi-me, Margarida, tornei, agarrando-lhe nas mãos.... Quero dizer-vos uma cousa que estareis farta de ouvir, mas não com a sinceridade com que vou dizel-a.

— Ora venha lá isso, disse Margarida, fazendo diligencia para se sorrir.

— Desde que vos vi, continuei com gravidade, concentrei toda a minha vida em vós... e quando me encontrei commosco hoje, após dous annos de ausencia, o meu coração estremeceu... Se, pois, me acreditais, peço-vos que me ameis, ou, quando não, que consintais que eu vos ame.

— Tenho realmente pena de vós, Armando, disse Margarida; porque, gastando eu cerca de sete mil francos por mez, se dêsse ouvidos ao que dizeis, obrigar-vos-hia a fazer *bancarotta* dentro de quinze dias.... Desejo, e até vos peço, que frequenteis muito esta casa, não como dono della, mas como se fosseis meu parente. ~~Éis~~ *Éis* bom de mais para que eu vos ame.... A *dama dos vossos pensamentos* deve ser uma mulher de

boa indole, e não uma tão *depravada* como eu.... A' vista da minha franqueza espero que me não fiqueis querendo mal.

— Bravo!... disse Prudencia, que entrára repentinamente. Está bonito!.... que quer isto dizer?...

— Estamos conversando, disse Margarida.

— Mas, *tenho com a boia*, para que não vá ao fundo, tornou Prudencia, que estava com uma tremendissima moafa. Até logo.

« E sahiu.

— A' vista pois do que disse, continuou Margarida, faça por esquecer-se de mim.

— Ha de custar...., respondi; e talvez que só o consiga mudando de terra.

— Pois estais tão apaixonado assim?!

« Margarida era a *sensualidade* mais completa e ideal personalisada.... não a *sensualidade* vulgar, ignorante, sempre corrompida, estragada pelo habito ou pela necessidade de prazeres grosseiros e havidos a esmo; mas essa sensualidade que é para os sentidos o mesmo que o atticismo para o espirito.... e por isso jurei então que essa mulher havia de ser minha.

— Então é serio, continuou Margarida, o que me dizeis?

— Sim, e muito serio, Margarida.

— Ora, porque não m'o dissestes ha mais tempo?

— Porque não tive occasião de fazel-o, respondi.

— Se tivesseis vindo ver-me no dia seguinte ao em que me fostes apresentado, já eu o sabia.

— Tive medo de que não me recebesseis.

— E o vosso amor já data de então? perguntou-me.

— Sim.

— Estou vendo quando me dizeis que não dormistes toda a noite por minha causa.... Isto já é tão sabido...., disse ella.

— Não o farei, não... mas quero sempre contar-vos o que fiz.

— Pois vá lá, disse Margarida.

— Esperei por vós no Café inglez, acompanhei o carro em que vos mettestes no theatro com mais tres pessoas, e vi quando vos apeastes sósinha em vossa casa.... o que me deu muito prazer.

« Margarida riu-se então.

— De que ristes? perguntei-lhe.

— Eu sei lá, respondeu com disfarce.

— Se não faltais á verdade, Margarida, zomblais então de mim, tornei.

— Não sou capaz de metter-vos á bulha, não! Mas quereis devéras que vos diga porque foi que me ri? perguntou-me.

— Quero, sim, respondi.

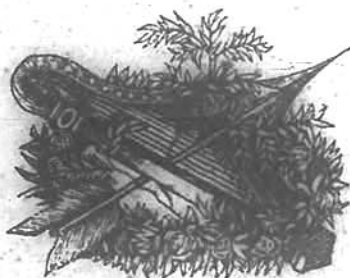
— Quando me apeei já estava em casa um sujeito á minha espera, disse Margarida pausadamente.

« Se Margarida me tivesse ferido mortalmente não sentiria o mal tanto quanto senti-me das suas palavras!

« E disse-lhe:

— Adeus para sempre; Margarida.

(Continua.)



## POESIA.

### NÃO ME PEÇAS MEU AMOR.

Semgliante a quella 'nferma  
Che non può trovar posa in su le piume  
Ma con dar volta sua dolore scherna.

DANTE.

Não me peças meu amor,  
Que me nãgoas essa dor  
Que tenho no coração;  
Eu amo-a ainda, Donzella,  
Embora o desprezo della,  
Tanta, tanta ingratição.

Se podesses, sem soffrer,  
Amar-me, mas sem querer  
Que eu te amasse tambem...  
Era um consolo p'ra mim,  
Que me a lembravas assim,  
D'outr'ora sem seu desdem.

Junto de ti, como ha um anno,  
Junto della em um piano,  
Tanta cousa segredámos...  
De ciume, de saudade,  
De minha felicidade,  
De queixas, de amor fallámos;

Tu tambem me fallarias,  
Oh! assim me a lembrarias  
Junto de tí distrahido;  
Sonhando que ainda ouvia  
Sua voz que me dizia  
— Nunca serás esquecido.

Mas és tão joven, tão bella...  
Eu não desejo, Donzella,  
Que tu sejas infeliz;  
Eu não quero te illudir,  
Não posso-te amor fingir,  
Não posso mais ser feliz.

Crês que eu hei de despezal-a,  
De minha mente arrancal-a,  
E que então eu te amarei?...  
E dizes que esperarás,  
Que em segredo soffrerás;  
Depois te compensarei...

Oh! não fôlles mais assim!  
T'esqueças auses de mim;  
Não me faças mais soffrer,  
Eu amei-a desde a infancia,  
Habituei-me á constancia,  
Não creias possa-a esquecer.

Mas se mesmo a deslembrar,  
Se o futuro sepultar  
Esse amor em pó desfeito,  
Não queiras um coração  
Que esgotou nessa affeição  
As emoções de meu peito.

És uma linda princeza  
Dessa côrte da belleza,  
Que avassalla os corações:  
Em teus vassallos procura  
Uma alma ardente, bem pura,  
Que tenha ainda emoções.

Mas deixa-me sempre olhar-te,  
Eu gôsto de contemplar-te,  
Que te pareces com ella;  
Tua trança loira, esse olhar...  
Oh! me fazem recordar  
Da trança e dos olhos della.

S. Paulo, 15 de Julho de 1855.

X. F.



### O premio da probidade.

Em 1859, um rico viajante irlandez, tendo chegado a Pariz, alojou-se na hospedaria de *Suecia*, rua de Richelieu; como precisasse de mandar lavar a maior parte da sua roupa branca, fez chamar para esse fim uma lavadeira, a quem entregou a roupa para preparar. A rapariga levou a trouxa para casa, e pouco depois voltou apressada á hospedaria, para entregar ao estrangeiro algumas notas do banco que lhe haviam esquecido dentro das algibeiras de umas pantalonas. O irlandez admirado desta probidade pouco ordinaria, insistiu em que a lavadeira recebesse uma recompensa porporcionada, e lhe offereceu as mesmas notas que viera restituir; porém a mulher não as quiz receber, e pareceu humilhada de se lhe offerecer dinheiro, dizendo, que nada havia feito mais que o seu dever.

Poucos dias depois, na igreja de S. Thomaz de Aquino, celebrava-se um casamento, que chamou a attenção de um grande concurso de pessoas. Facil era de perceber pelos trajas e maneiras do noivo, que este era um estrangeiro de distincção; e pela timidez e modo embaraçado da noiva, que não era ella da mesma esphera do futuro esposo, e logo todos concluirão que era um casamento de inclinação. Brevemente se divulgou toda a historia: a noiva era a rapariga lavadeira, que o irlandez, á vista da sua honra e probidade, julgou mui digna de participar da sua fortuna e da sua sorte.

## Napoléão e o prisioneiro inglês.

No tempo em que Napoléão estava mais irritado contra a Inglaterra, um prisioneiro inglês tendo conseguido escapar-se do depósito, se havia salvado nas costas do mar. Os bosques lhe servirão de refugio, e elle ahí construiu um batel da cortiça de algumas arvores, e sem outro algum instrumento que uma navalha. Porém, se muita industria e paciencia lhe forão precisas para preparar um tal meio de evasão, não lhe era preciso menos coragem e intrepidez para a levar a effeito. Comtudo elle estava resolvido. Quando o tempo estava claro, subindo ao mais alto de uma arvore, procurou avistar no horizonte o pavilhão britânico. Um dia, enfim, elle reconhece um brigue inglês; desce da arvore, toma sobre os hombros a sua barca, e corre para a praia; mas infelizmente havia sido descoberto, e no momento em que, já posta a nado a sua barca, elle se julgava seguro de recobrar a liberdade, é preso e conduzido à Bolonha como um espião. O caso espalhou-se entre as tropas do acampamento, e todos querião ver esta fragil barca de que tanto se fallava. Napoléão não tardou a ser disto informado pelos seus officiaes. Admirado da audacia deste mancebo, manda-o chamar, interroga-o sobre o seu projecto, o qual elle lhe explica com a maior franqueza e ingenuidade; mas a sua admiração chegou a espanto quando o joven marinheiro lhe pede por unica mercê, que o deixe embarcar e levar ávante a execução do seu projecto.

— Muitas saudades tens do teu paiz! lhe diz Napoléão: deixaste lá alguma amante?

— Não, senhor, respondeu o prisioneiro; é a minha mãe que eu desejo ver; ficava muito mal quando eu parti, e desde então não pude mais saber della.

— Torna-a-hás a ver, respondeu o imperador.

E sem demora passou ordem para que se lhe dêsse uma lancha capaz de ir encontrar-se com os navios do cruzelro: mas não limitou aqui seus beneficios; fez prover a lancha com profusão de todos os objectos uteis e necessários, e lhe entregou uma forte somma de dinheiro para o objecto de uma piedade tão terna.

— Deve ser muito boa mãe, dizia Napoléão, para ter um filho tão bom!... (Extr.)

*Pela viscondessa da....*

## Vantagens do lér.

A leitura, meus amigos!... sabeis vós bem o que é a leitura?! é de todás as artes a que menos custa e a que mais rende. Ha livros, que, semelhantes a larquinhas milagrosas, incorruptiveis e inaufragaveis, nos levão pelo oceano das idades a descobrir, visitar e conhecer todo o mundo, que lá vai: os povos antigos revivem para nós com todos os seus usos, costumes, trajes, feições, crenças, idéas, vícios, virtudes, interesses e relações: a historia é a mestra da vida, e as suas lições, ampliação e complemento ao nosso juizo

natural; no que foi aprendemos o que deve ser. Dizein que mente ás vezes! Também na seára há joio, e nem por isso deixais vós de ceifar com alegria. Mas apesar das suas mentiras fica ainda sendo a historia uma das mais verdadeiras cousas do mundo. Os contemporaneos de cada um dos homens notaveis, heróes ou monstros, dos tempos antigos, talvez os não vissem tão ao natural, como nós cá de longe: porque, por isso mesmo que erã vivos, cercavão-nos um estrodo confuso e vozes contradictorias que para nós emmudecerão; o amor e o odio, o terror e o enthusiasmo tingião nas suas côres os feitos e os ditos; o espectador muito de perto e distraído com os seus proprios negocios, não podia abraçar a totalidade de uma scena ás vezes immensa e complicada. Não é nem ao pé em demasia, nem em demasia longe, que os objectos se julgão com exacção.

*(Panorama.)*

## Novo exemplo de magnetismo.

Onde parará, não diremos a credulidade publica (por não a querermos caluniar a tal ponto), mas a fantasia dos narradores da historia já bastante longa das mesas gyrantes? Eis o que se lê em uma collecção citada pelo jornal *Salut Public*, de Lyon:

« A experiencia tinha logar em casa de um mestre-escola de aldca, que havia convocado para a solemnidade o *maire*, o cura, o professor, a mór parte das notabilidades do logar, inclusive o guarda-mattas: este ultimo ahí se achava para prender a mesa, no caso de que ella se entregasse a alguns excessos.

« Estava a reunião dividida em dous grupos, e operava-se sobre duas mesas, uma presidida pelo *maire*, e a outra pelo professor; esta ultima em breve se poz a gyrar, levando no seu movimento a caixa de tabaco do mestre-escola que por esquecimento lhe ficara em cima.

« A carreira do moyel foi tão impetuosa que a boceta abriu-se e espalhou-se o tabaco. Inmediatamente.... cousa na verdade extraordinaria, e que prova até que ponto os objectos magnetizados são impressionaveis! principiou a mesa a espirrar, e espirrou tres vezes com tanta suavidade como o proprio mestre-escola o faria.

« Como bem é de erer-se, foi extrema a surpreza dos assistentes; mas ella subiu ao maior auge quando a segunda mesa, que tambem por sua vez começava a mover-se, fez ouvir distintamente estas palavras consagradas pela pueril e honrada civilidade — *Dominus tecum.* »

## CHRONICA DA QUINZENA.

Dignissimas assignantes, convido-vos á leitura das seguintes liubas; prevenindo-vos de que alguma cousa dir-vos-hei de interessante e *optimo* (desculpai-me a *modestia*); e, muito desejando tagarellar, trato de quanto antes noticiar-vos o

que diz respeito á Chronica, divagando em dissertações depois de satisfeita minha obrigação.

Serei minuciosa na citação das novidades e occurrencias, não calando-vos o mais sabido facto; eil-os:

Dia 17. — Baile da sociedade Thalia; o *Noviço* no theatro de S. Pedro.

Dia 18. — Baile do Cassino Fluminense; no theatro provisório os *Puritanos*, em vez da *Norma*.

Dia 19. — Baile da sociedade Phil'Hebe; no theatro de S. Pedro os *Sete Infantes de Lara*, em beneficio do Sr. ponto da companhia.

Dia 20. — *Rien*.

Dia 21. — A *Norma*, em beneficio da primadona Cadiani, já se sabe onde.

Dia 22. — O *Galucho*, comedia, na Praia-Grande, Nietheroy, Da Outra Banda, Guanabara, Provincia, ou como quizerem.

Dia 23. — Beijamão á S. M. I., pelo anniversario de sua augusta aclamação; baile da Phil'Euterpe, baile do Cassino Commercial, Harmonia Nietheroyense, e *Lucrecia Borgia* no Provisorio.

Dia 24. — Festa de Nossa Senhora do Monte Carmello, em sua igreja; *Ovos de Ouro* em S. Pedro (theatro); baile mascarado *pour tout le monde* na Floresta.

Dia 25. — *Rien*.

Dia 26. — *Sapho* cantado, e *D. Procopio* dançado no Provisorio.

Dia 27. — Em S. Pedro os *Mosqueteiros da Rainha*, o *Dictador Rosas*, o *Regresso da Rapaiziada*; correu a roda da loteria mais uma vez.

Dia 28. — Os *Sete Infantes de Lara*, em S. Pedro.

Dia 29. — Solemnizou-se no Provisorio os annos da Serenissima Princeza D. Izabel, com a estrêa do tenor Negri na *Linda de Chamounix*, de Donizetti.

Dia 30. — Estará esta chronica por um triz a sair dos prelos promptinha de tudo.

Dia 31. — Distribuir-se-ha o JORNAL DAS SENHORAS, e... lamento a falta do nosso propheta Gaspar José de Mattos, que prevenir-me-hia do que não sei adivinhar!

De nada mais sabe a vossa Gervina.

De nada?... Santo Deus! Que disse eu?!

Por ventura de nada mais sei?

Olá se sei! sei, sim, e sei de muito mais.....

Porém, como já vos disse o que teve lugar, di-vos-hei o que de tudo isso apreciei.

#### FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO.

Soavão pelas amplidões do ethereo os festivos dobres dos bronzes e altanciros campanarios, enquanto a borda esquerda do veleiro batel equilibrava-se nas vagas por meu vacillante pé-siuho: era mister sulcar o salso elemento no demandar o irrisorio desembarque da immunda praia do nosso Largo *Palaciano*.

Julgar-me-híeis uma Allemã saltando ás brásileas plagas, contemplando-me a cutis carminhada pelos excessivos ardores do Sr. Astro-Rei, e apregoar-me-híeis mais paciente que Job, vendendo-me calma e inacessivel aos importunos boleiros de quantos tyburis e carros vão ahi por essa proximidade do hotel de França.

Guiada pelo meu Sr. *maridinho*, rompi á força do seu — *dá licença para esta senhora* — a compacta massa de curiosos devotos, e depois de alguns calinhos pisados consegui postar-me contigua a um lindissimo *toilette*, que para primar não olvidou-se do seu leucinho branco inda marcado pela houradissima lavadeira.

Não querendo distrahir meus olhos da contemplação dos altares, julguei deixar passar em branco a attenção com que um *bacharelissimo* gozava da *boz ventura* de lateralmente apreciar o templo, como que supplicando á milagrosa Santa Rita a apparição da festa; e ia cuidar interminavel a espectativa, quando alfim os da minha esquerda abrirão passagem aos Carmelitanos devotos, seguidos dos reverendissimos *reverendos* celibatarios, que annunciavão o principio do religioso sacrificio da hostia.

Fui então toda olhos e ouvidos: pelas regiões do enfeitadissimo tecto divagáram meus raios visuaes, como que buscando convergir-se em algum alvo, enquanto minhas vertebraes, cansadas da contrafeita posição, quasi se estalavão; mas a curiosidade (partilha de meu sexo) instava-me pelo sacrificio dessa tortura.

Finalmente deparei com o côro.....

Erão os canticos que me aprazia ouvir, canticos que me embevecêrão o espirito, bem como o meu coração se enlevava das emoções que partilhava, tocado pelas impressões que os dogmas do catholicismo me impregnavão n'alma!

Não tardou que o *Gloria* se fizesse ouvir pelo sacerdote; e, como se em abobadados salões fortissimos alarmas houvessem soado, a tumultuosa agitação de innumerados cantores, formando echo á essa ovação sacerdotal, *glorificava* o sacrosanto escapulario dessa Carmelitana Virgem.

Foi então que as vozes de duas duleissimas Brasileiras, as sobrinhas do Sr. F. Q. da Silva, repetirão essas harmonias sacras, succedendo-as um brilhantissimo solo pelo nosso inimitavel *Labocceta*.

A musica esteve boa; e fez certamente as honras dos instrumentos do Sr. Motta, que habilmente mostrou de quanto é capaz uma flauta soprada por labios de mestre.

Foi pregador ao Evangelho o Rev.<sup>mo</sup> padre-mestre Frei Antonio do Coração de Maria; e muito teria eu que dizer-vos, para que bastassem os eucônios devidos á illustração e verbosidade desse decano da philosophia.

Não direi que essa festa, attingindo o apogeo do bello, estivesse a pontos de disputar sumptuosidades ás que lá vão pelo preterito; não, pois que francamente observarei que notei a falta desse brilhantismo e esmero de outros annos.

Agora ouvi, ouvi todas a mais bella e melhor das *promenades* que á vossa redactora e chronista tem feito, e se pôde fazer.

Tangia-se a sineta preventiva, que dava o signal de — sentido! — aos viajores do oceano quando, em companhia da encantadora cunhadinha, eu e elle (seu irmão e meu consorte) mediamos a extensão da carunchosa ponte, e desciamos a ingreme praicha da verdejante barquinha do Botafogo.

Mais um outro repique, mais uma outra-bada

lada, e adeus empoeirado Pharoux, largo de Moura e Arsenal de Guerra!

Velozmente afugentando-nos da saudosa ilha, que habitamos, tão grata, como que estrangeiros a tudo, de tudo nós admiramos pasmosamente.

E lá ia a barca, lá iam com ella, e lá ficavão ellas..... as casinhas e as praias. Lá ficavão elles..... os montes e os cães!

Mais alguns minutos, e oil-a: a ponte do Botafogo.

Leitoras, formai idea de alguns bifes caprichosamente amanteigados e seus accessorios, idealisai depois da sumptuosidade de boas salas, uma extensissima chacara onde as maçaãs formigavão, véde debaixo de copado arvoredó uma engenhosa mesa circulando-lhe o tronco, e sabeí que foi ahí, ao soprar das brisas, e aos espirituosos gracejos, que fortificavamos as debilitadissimas regiões gastricas, para dispormo-nos á viagem severa de uma Praia Vermelha em nome.

HOSPITAL DOS ALIENADOS.

Tão bello, tão soberbo e magestoso, como o rei das solidões dominando o desterro, era impossível que nossa admiração não nos levasse ao seu administrador.

Entrámos (poupei-me a minuciosidade que não cabe em uma chronica que já vai extensa), entrámos, e ao apontar do porteiro, que para tudo tinha um rocé, subimos os degrãos de altaneiras escadas; mas querendo eu ver o que deixava em minha reta-guarda, quasi petrifiquei-me com a repugnantissima caretta com que mimoseava-me um senhor maniaço.

A santidade dessa benemerita e philantropica instituição, como que se lia em cada objecto, que documentava-nos os elementos feitos de um Clemente senador.

Depois de percorrermos as salas que se abrião a nossos passos, parámos no centro do magestoso salão, onde os primores da arte do Sr. Pethrick ostentavão-se inanimados.

Admirámos a effigie do nosso Monarcha aguardada pelo carmineo veludo de um riquissimo doceel.

Admirámos a perfectibilidade da coróa do tecto, as douradas columnas, e mais que tudo, o extensissimo jardim que, symmetricamente plantado, discortinavamos das altissimas janellas.

Admirámos a simplicidade toda excellente da capella sagrada, onde prostrada entre um circulo de cadeiras e livros, uma Irmã de Caridade ferrosa e mudamente orava, talvez por essas victimas da loucura confiadas aos seus desvelos.

Informada do regimen interno desse hospital-leiro monumento, fiz votos pela conservação e felicidade desse disvelado provedor da santissima e misericordiosa casa dos indigentes.

E foi desse extasis da alma, em que a vossa Gervina se embriagava, que despertei-me aos

horriveis gritos com que um pobre louco impunha resistencia ao enfermeiro que arrastava-o á distracção.....

Chorei, sim, que o pranto é nobre, e o confessional-o é franqueza; chorei face á face de um infeliz commendador, despido das ebhimericas ostentações; como que para mostrar-me em sua demencia a fraqueza da especie humana.

E já não erão suas desordenadas queixas que me consternavão; erão os gritos afflictivos de uma louca, que se banhava; erão as imprecagões de uma menina que se exasperava; era o desespero de duas pretas que imprecavão; era a perspectiva de uma septuagenaria mulher, que mirrada e muda como um esqualido cadaver, me fixava; era a continua agitação de um louco, que se não cansava de mover o braço; e mais que tudo isso, erão os inflammados olhos de um joven, talvez victima incauta de alguma dessas pervertidas mulheres, que tanto nos deshonraão a condição e o sexo!.....

Regressci, após tudo isso, e confesso-vos que se já não fosse muito o que levo dito, ainda occupar-vos-hia a attenção.

Gervina N. P. dos S. N.

Offercemos hoje ás nossas assignantes uma linda VALSA TYROLIANA, composta em Pariz por N. Louis. Esta valsa não é uma peça de execução difficil e fastidiosa, que vá enfadar ás nossas elegantes no seu estudo; é antes um agradável pensamento, de facil execução, que, bem interpretado, torna-se bello e arrebatador o seu desenvolvimento. Pedimos ás nossas assignantes, que a estudem, e que lhe dêem um compasso vivo, que será ainda mais brilhante.

CHARADA.

Respiras 1  
Respiras 2

Sou soldado do meu rei,  
Guarda fiel sempre sou;  
Porém não penses que em fogo  
Algun de nós já entrou.

A adivinhação do Sr. Santos Neves, publicada no n.º 19, interpretada pelo Sr. E. J. da S. P., cuja modestia não nos permite declarar o seu nome por extenso, são — AS DUAS AMERICAS, meridional e septentrional —. Para o n.º seguinte repetiremos a adivinhação, e seu autor dará a devida explicação.

A decifração da charada do n.º 50 é: Dormente.

— Acompanha este n.º 51 uma VALSA TYROLIANA.